

O trabalho complexo na teoria do valor de Karl Marx

Contraponto ao material de tese de Vera Aguiar Cotrim

Eleutério Prado

A questão do valor em Marx deve ser examinada – penso – com base na categoria de medida da lógica de Hegel, que é unidade de uma determinada qualidade e uma quantidade determinada: “a medida é o quantum qualitativo, antes de tudo como imediato; um quantum ao qual está unido um ser-aí ou uma qualidade.”

Sobre essa categoria, anoto um primeiro ponto: a medida muda quando o ser muda: por exemplo, “quando a quantidade presente na medida ultrapassa certo limite, também a qualidade que lhe corresponde é suprassumida.” (p. 215). Trata aí, é evidente, da transformação da quantidade em qualidade.

Anoto também um segundo ponto: quando a qualidade não é homogênea, a quantidade a ela associada pode ser bem indeterminada: Hegel fala em formações inferiores e superiores da natureza que se distinguem pela “maior indeterminidade de sua medida” (p. 215).

Pergunta: o trabalho acontece no tempo, mas o tempo de sua duração mede adequadamente, sempre, o tempo de trabalho necessário para executar determinada tarefa? Ora, se o tempo de trabalho não é homogêneo qualitativamente, o tempo de trabalho não pode ficar indeterminado? O que acontece durante esse tempo não pode fazer a quantidade variar expressivamente? Qual o tempo padrão, por exemplo, indo ao extremo, para se resolver um enigma qualquer de matemática?

Anoto, também, que há uma possibilidade de incongruência entre a mensuração e a medida, mesmo na esfera das ciências naturais. Por exemplo, uma incongruência ocorre quando se mede o perímetro de curvas com um segmento de reta; conforme se escolhe menor ou maior tamanho desse segmento, o perímetro se afigura maior ou menor.

A medição, aliás, é sempre, em alguma medida, uma violência ao ser. A medição capitalista do trabalho é sempre, também, uma violência contra o trabalhador, a qual ele sempre resiste de algum modo.

Um exemplo notório de sistema de medição é o mercado que existiu antes, existe no capitalismo e existirá depois dele. O que o mercado mede antes do capitalismo? O que ele mede no capitalismo? O que o “mercado” pode medir após o capitalismo?

Volto a essa questão em sequência. Agora, faço um deslocamento para introduzir uma questão de forma oblíqua. Consideremos a avaliação do trabalho do professor universitário. Como ela funciona?

Simplificando: dada uma área do conhecimento, escolhem-se as revistas em que usualmente se publicam artigos, atribuem-se pontos para cada uma delas conforme a sua “importância”, pegam-se os currículos dos professores, somam-se os pontos que obtiveram. Desse modo, mede-se o valor adicionado à ciência pelo trabalho de cada um dos professores avaliados.

Trata-se, evidentemente, de uma convenção, uma imitação do mercado que é criada pela governança neoliberal como forma de controlar o trabalho dos professores: ela visa fazer deles, supostamente, sujeitos mais produtivos. Visa, também, transformá-los em sujeitos competitivos, sujeitos neoliberais.

Pergunta: o que esse sistema de avaliação mede? A minha resposta é *trabalho abstrato*. O sistema de avaliação transforma trabalho concreto na produção de artigos em uma medida de trabalho abstrato. Que é, evidentemente, bem arbitrária. Por exemplo, uma reavaliação das pontuações atribuídas às revistas pode mudar completamente a avaliação do valor do trabalho de cada professor em particular. É evidente que esse sistema de avaliação é convencional; ele é uma criação intencional e, nesse sentido, é bem diferente do mercado capitalista ou pré-capitalista.

Pergunta: a essa medida é possível associar a determinação quantitativa “tempo de trabalho socialmente necessário”? Não, creio que não. Por quê? Porque cada trabalho concreto envolvido na produção de artigos científicos não é mensurável significativamente pelo tempo – pelo tempo de trabalho concreto, evidentemente. Se o trabalho concreto não pode ser medido significativamente pelo tempo concreto, então, em consequência, não pode se formar, por redução, o tempo de trabalho socialmente necessário.

Não há aqui também, é evidente, um processo social inconsciente que faça essa redução.

Veja-se, porém, que em princípio é possível medir o tempo de trabalho concreto que é gasto na produção de artigos científicos. Mais do que isso, é possível fazer uma grande amostra e, com base nela, calcular o tempo de trabalho médio que é gasto na produção de artigos nessa área do conhecimento. Pergunta: esse tempo de trabalho médio poderia ser considerado como um tempo de trabalho socialmente necessário? A minha resposta é não; isto seria trivial. A média que constitui o tempo de trabalho socialmente necessário na economia capitalista é uma *média que se impõe no processo social* aos trabalhos particulares – o que, evidentemente, não é o caso.

Na economia capitalista propriamente dita, a média dos tempos de trabalho concreto atua – para usar a metáfora de Smith que ele próprio empregou para definir o preço natural – como uma espécie de centro de gravidade. É somente esse tipo de média que vem a ser o tempo de trabalho socialmente necessário.

Se a minha consideração faz sentido, então se pode ver que faz sentido falar em “valor qualitativo” como o faz Ruy Fausto, ou seja, trabalho abstrato a que falta a determinação tempo de trabalho socialmente necessário. Veja-se que o sistema de avaliação acima considerado, nesse sentido, atribui também um valor qualitativo ao trabalho do professor.

Pergunta: mas não foi dito que a medida é a unidade de uma qualidade e uma quantidade determinada? A situação acima analisada é semelhante à formação do valor antes do capitalismo. Na economia mercantil que existiu nos interstícios dos modos de produção escravista e feudal, a determinação quantitativa do valor era posta no próprio momento da troca. Do mesmo modo, no sistema de avaliação universitário, a determinação quantitativa é posta pelo próprio sistema de avaliação, quando se computa o valor dos artigos produzidos e publicados pelos professores conforme os pesos atribuídos às diferentes revistas.

Pergunta: por que o trabalho concreto de produzir artigos científicos não pode ser medido significativamente pelo tempo concreto? Porque – penso – ele não é simplesmente um trabalho complexo, mas sim um trabalho que tem uma organicidade própria e, como tal, não é decomponível e redutível a trabalho simples. Além disso, ele é único e não reproduzível. O crucial, para mim, é que esse tipo de trabalho não é um trabalho que possa ser descrito por meio de num algoritmo, ou seja, não é mecânico – mas criativo e dialético.

Entendo que o algoritmo, o qual se apresenta sempre como uma sucessão articulada e determinista de estados, é a essência do que vem a ser o mecanismo e o mecânico. O trabalho humano, que verdadeiramente

nunca é mecânico, no entanto, pode ser tornado aproximativamente mecânico por força das circunstâncias com o intuito de aumentar a sua produtividade. E este é, evidentemente, o desiderato do modo de produção capitalista. Perseguido, primeiro, pela divisão do trabalho, depois pela maquinaria, depois pelo taylorismo.

O trabalho do professor é simplesmente um trabalho complexo que pode ser reduzido a trabalho simples? Não, creio que não.

Veja-se: complexo, grosso modo, é aquilo que é formado por muitas partes muito bem entretecidas. Ora, há o complexo decomponível e o complexo indecomponível. O complexo decomponível assim o é porque é de fato um todo mecânico. Ele é decomponível porque pode ser reduzido as suas partes constituintes. Ademais, o seu funcionamento pode ser descrito por um algoritmo. Penso que só o trabalho complexo dessa espécie pode, ele mesmo, ser medido significativamente pelo tempo mecânico, pelo tempo do relógio. É somente nesse caso – penso – que faz sentido falar da redução de trabalho complexo a trabalho simples.

Considere-se, agora, o trabalho trivial de uma enfermeira num hospital, o qual pode ser dito trabalho concreto imaterial. Ele está dedicado ao tratamento das pessoas doentes. Este trabalho é mecânico? Ele pode ser regulado pelo tempo do relógio do mesmo modo que se regula o trabalho de um operador de máquina? Ou cada ato de trabalho de enfermeira é um complexo indecomponível não descritível algoritmicamente?

Como se sabe, os planos de saúde atualmente obrigam os médicos a fazerem consultas em 15 minutos em média. Ora, esses profissionais sabem que é impossível agir como médico sob essa restrição porque esse tipo de trabalho não é mecânico e não pode ser significativamente regulado pelo tempo do relógio. O que essa regulação faz? Ela simplesmente corrompe o trabalho do médico enquanto tal.

Um manual de engenharia de produção muito conhecido, depois de expor em detalhes as técnicas tayloristas, diz o seguinte tendo em mente a realidade da empresa contemporânea: “As avaliações sobre o tempo padrão são impossíveis de ser definidas com precisão (...) em trabalhos qualificados (...).

A maioria dos trabalhos modernos exige algum elemento de flexibilidade, que é difícil de alcançar com trabalhos rigidamente definidos” (Administração da Produção de Slack, Chambers e Johnston, 2009). Na verdade, o taylorismo está sendo substituído pelo pós-taylorismo que, aliás, não é de modo algum um anti-taylorismo. O pós-taylorismo, aliás, não abdica das medições, ao contrário, as multiplica. O que o caracteriza,

sobretudo, são as técnicas que emprega para fazer como o trabalhador internalize as coerções e as considere como inerentes à sua liberdade.

No pós-taylorismo busca-se ainda a *subsunção real do trabalho ao capital*.

Justamente porque há um novo princípio subjetivo em atuação no capitalismo contemporâneo (diferente evidentemente daquele que imperou na manufatura), a subsunção do trabalho ao capital não pode ser mais estritamente material, mas tornou-se principalmente intelectual.

Como já mostraram outros autores, o problema central no capitalismo contemporâneo é encontrar formas administrar a criatividade e a liberdade dos trabalhadores, submetendo-os a sistemas que imitam o mercado. Assim, eles são cinicamente transformados no contrário do que efetivamente são, ou seja, de empregados em colaboradores.

Ora, quando o tempo de trabalho concreto não pode mais ser medido significativamente pelo tempo do relógio (concreto, é claro) não há também uma base para a formação do tempo de trabalho socialmente necessário. Entretanto, muitos desses trabalhos são ainda reduzidos a trabalho abstrato, gerando valor e mais-valia. Quanto? Ora, isso – penso – é definido pelo mercado e pelo poder de mercado do possuidor do capital. A medida do valor, ou seja, a sua expressão quantitativa, passou a ocorrer com certa arbitrariedade no capitalismo contemporâneo.

Marx, é evidente, nunca falou do capitalismo contemporâneo atual. Mas ele falou do desenvolvimento da grande indústria. E nessa fala – penso – ligou o fato de “a criação de riqueza efetiva (valor de uso, claro) tornar-se menos dependente do tempo de trabalho e do quantum de trabalho utilizado, do que da força dos agentes” ao “tão logo o trabalho na sua forma imediata deixa de ser a grande fonte de riqueza (aqui se trata claramente de valor), o tempo de trabalho deixa, e tem de deixar, de ser a sua medida e, em consequência, o valor de troca do valor de uso”.

De qualquer modo, infelizmente, entretanto, isto não ocorreu ainda. O capitalismo encontrou meios para ir além da grande indústria... quais sejam eles, aqueles postos em ação pela indústria neoliberal ou pós-grande indústria. Menciono aqui que não concordo com o termo pós-industrial porque eu o considero vulgar... Também não me parece que cai em contradição na crítica ao tombo no fetichismo por parte de Hardt e Negri.

Na verdade, penso que o capitalismo contemporâneo perdeu a sua regulação interna não pelo valor enquanto trabalho abstrato, mas pelo valor enquanto determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário. É

isto que chamo de desmedida do valor que, aliás, é algo assimétrico, pois ocorre apenas em algumas esferas da produção capitalista.

Tomar ciência desse problema na formação do valor no capitalismo contemporâneo parece-me muito importante porque ela é necessária para compreender as formas da competição no capitalismo monopolista, a troca desigual e o imperialismo em sua configuração contemporânea. Ademais, é importante também para compreender porque o dinheiro mundial se tornou inconversível em ouro.

Creio que é importante também para compreender o neoliberalismo enquanto uma racionalidade abrangente do capitalismo contemporâneo, tal como o compreende Dardot e Laval em *La nouvelle raison du monde*. Estes, aliás, são temas abertos que estou tentando articular aos poucos... E com muita dificuldade...

Finalmente, gostaria de falar sobre mercado na primeira fase do socialismo porque ele se configura como uma solução histórica para a desmedida do valor no capitalismo. Como se sabe, para Marx, no socialismo não poderá existir a forma mercadoria dos produtos do trabalho – e, portanto, nem trabalho abstrato, nem valor, nem dinheiro e nem capital. Mas haverá certamente troca.

O que é então trocado? O sistema de troca socialista mede? Marx foi claro sobre esse ponto tanto no primeiro capítulo de *O Capital* quanto na *Crítica ao Programa de Gotha*: no socialismo, os trabalhadores livremente associados trocam segundo uma convenção que eles mesmos estabelecem: eles não trocam o produto de seu trabalho segundo uma norma reguladora que opera no inconsciente social, eles trocam diretamente o seu trabalho. Ou seja, eles trocam os seus trabalhos e os bens que produzem segundo o tempo de trabalho concreto.

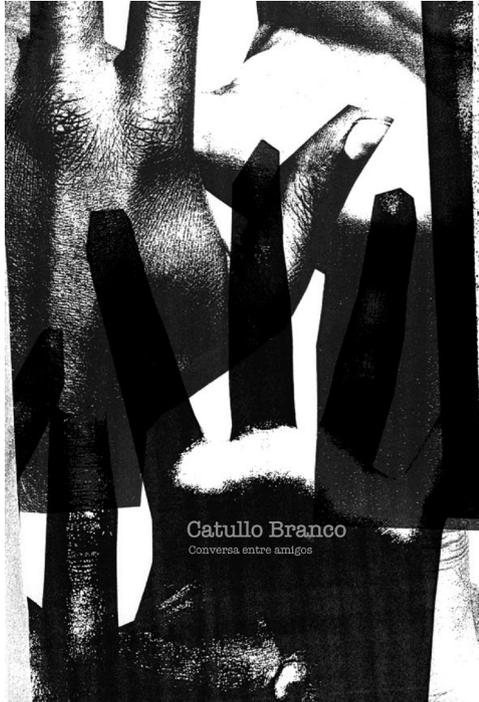
Uma nota final: trabalho significativamente medido pelo tempo do relógio é o trabalho aproximadamente algorítmico. O trabalho no socialismo não é, em geral, significativamente medido pelo tempo do relógio, pelo tempo mecânico. Usa-se aí o tempo de trabalho concreto como uma convenção necessária à realização prática da comunidade de produtores livremente associados. Pois, o trabalho individual é agora parte alíquota explícita do trabalho social total da comunidade.

CONVERSA ENTRE AMIGOS

coleção memória militante

Catullo Branco

Catullo registrou suas memórias em 1986, um ano antes de morrer. Ele queria que o texto fosse lido em um momento em que as condições sociais e políticas estivessem maduras para que seu partido, o Partido Comunista do Brasil (PCB), não fosse afetado pela publicação. Para Marisa Midori, este é o momento ideal para a publicação dos volumes. "Hoje é o momento. Há debates, a Comissão da Verdade completou um ano e a coleção pode contribuir com o tempo em que vivemos". Wilson Barbosa concorda ao dizer que a população tem sentido que há democracia no país: "Toda nação que tem democracia reflete sobre seu passado", afirma.



Catullo Branco
Conversa entre amigos

COM
ARTE